

Monumentos

RAUL PILLA

OS monumentos públicos podem dar preciosas informações ao forasteiro, sobre a psicologia dos povos. E os do Rio, como os de outras cidades brasileiras, são muito significativos.

Em tôda parte, o monumento é simplesmente um símbolo e fala por si mesmo. Quer se trate de memorar um acontecimento, quer de honrar uma pessoa, à pessoa ou ao acontecimento refere-se êle exclusivamente. Quando muito, a indicação da origem da iniciativa: ou a nação por seus órgãos oficiais, ou o povo, na espontaneidade dos seus sentimentos.

Entre nós, porém, como que se atenua e apaga o simbolismo dos monumentos erigidos na quadra contemporânea. Lá se encontrará a inscrição do nome do benemérito govêrno sob o qual se fêz a obra, e o da comissão de notáveis que a promoveu. Dir-se-ia ser esta a verdadeira finalidade. O mais não passa de pretexto.

E ainda bem, quando alto e indiscutível é o pretexto, quando se trata realmente de um grande homem, ou de um acontecimento importante. Mas, na quadra republicana, em que os homens tão facilmente passam, há sempre muita pressa e ninguém pode esperar pelo julgamento da posteridade. Se os nossos notáveis não se immortalizam antes de morrer, quem os lembrará depois de mortos? Não dizem ser êste um povo de péssima memória? Por isto vemos, entre nós, monumentos erigidos ainda em vida do homenageado, ou quando vivos ainda são os seus amigos e beneficiários. Esta é a sua posteridade...

Aqui me detenho. Temo tirar conclusões demasiado profundas e pessimistas. Parece-me que tôda a nossa vida pública se está reduzindo a uma só coisa: personalismo e propaganda.